

A FOTOGRAFIA E O MUSEUM OF MODERN ART (NOVA YORK): ORIGENS

Diana Dobranszky

Em 1934 Newhall publicou um de seus primeiros artigos sobre fotografia na revista *Parnassus*¹. Esse artigo discutia a relação da fotografia com os artistas e foi resultado do convite que Paul Sachs fez a Newhall para falar aos membros da *College Art Association* no *Metropolitan Museum of Art*, de Nova York. Sachs foi professor de B. Newhall em Harvard, quando ele assistiu ao seu curso sobre administração de museus. Naquela época a fotografia não era estudada de maneira sistemática e poucos estudiosos das artes se interessavam em estudar ou escrever sobre ela. Ao saber do tema escolhido por Newhall, Sachs ficou surpreso, mas consentiu na empreitada de seu aluno.

Paul Sachs foi figura importante para a história da arte americana pois formou toda uma geração de diretores, curadores e administradores de museus na primeira metade do século XX. Seu pupilo de maior influência é notadamente Alfred H. Barr Jr., primeiro diretor do *Museum of Modern Art* de Nova York, museu que tinha Sachs como um de seus administradores (*trustees*). Barr e Newhall se tornariam colegas de trabalho em 1935, ano em que o MoMA estava a procura de um novo bibliotecário.

Beaumont Newhall conta que sua curiosidade pela fotografia despertou ao assistir ao filme *Variety* (dirigido por Ewald André Dupont e fotografado por Karl Freund, 1925) e ao ver um livro de fotografias de arranha-céus americanos de Erich Mendelsohn (*America: Picture Book of an Architect* de 1926). Quando era o momento de decidir qual curso de graduação faria, ficou decepcionado ao saber que não havia qualquer curso direcionado para a fotografia ou cinema. Decidiu então estudar história da arte em Harvard. Formou-se em 1930 após viagem à Europa patrocinada por seus pais ao completar 21 anos. Nesse mesmo ano recebeu uma bolsa de estudos da universidade e iniciou seu curso de

¹ NEWHALL, Beaumont. *Photography and the Artist*. *Parnassus* 6, Outubro, 1934, p. 24, 25, 28, 29.

mestrado. Foi então que estudou com Sachs na disciplina "Museum Works and Museum Problems" que, segundo B. Newhall, determinou seu futuro ².

Quando foi indicado para o cargo de bibliotecário do MoMA em 1935 por Henry-Russel Hitchcock Jr., escreveu para Thomas D. Mabry - diretor executivo do museu - um pequeno memorial e nele foi enfático em seu interesse pela fotografia:

"There is one further subject which I wish to mention: my interest in the technique of photography. Long a hobby of mine, I recently turned photography to account in my research. Last summer I was elected an Associate of the Royal Photographic Society. I have done a great deal of work with the Leica miniature camera, and am versed in the special technique required, doing all my own laboratory work. This phase of photography I feel to be of great importance in the future of research, and is bound to play a major role in library work of the future." (Carta escrita no dia 23 de agosto de 1935: Beaumont Newhall Papers, I.1. The Museum of Modern Art Archives, New York.)

Depois de conhecer contra-argumentos de um lado e boas indicações de outro, Barr disse estar "tudo bem com ele" em relação à contratação de B. Newhall ³.

Em seu primeiro dia de trabalho - 1 de novembro de 1935 - B. Newhall foi até o diretor e perguntou sobre a biblioteca. Barr, sentado no chão rodeado de van Goghs lhe disse: "Oh, esqueça da biblioteca. Tire seu casaco e me ajude a pendurar a exposição de van Gogh" ⁴. As impressões de B. Newhall sobre esse dia são uma síntese do que ele viria a declarar sobre o trabalho no MoMA por toda a sua vida:

"Alfred H. Barr Jr. era o Museum of Modern Art para aqueles que trabalharam para ele no início do museu. Era ele que determinava o ritmo e formava o estilo do museu. Trabalhar para ele era um aprendizado. Ele determinou para ele mesmo e para os funcionários padrões exatos e altos. O que eu sempre lembrarei dos anos que passei na rua 53 entre 1935 e 1942 era sua [de Barr] intensa energia e devoção à causa. O fervor dos primeiros anos do museu tem sido comparado ao início da igreja cristã - porque era verdadeiramente uma cruzada, e Alfred era o nosso líder."⁵

² NEWHALL, Beaumont. On Focus: Memoires of a life in Photography. A Bulfinch Press Book, 1993, p. 26.

³ MARQUIS, Alice Goldfarb. Alfred H. Barr Jr: Missionary for the Modern. Contemporary Books, 1989, p. 138.

⁴ On Focus, p. 39.

⁵ NEWHALL, Beaumont. He set the pace and shaped the style, In: ARTnews, outubro de 1979, p. 134-137.

O posto de bibliotecário estava aberto em 1935 porque Iris Barry, bibliotecária até então, passou a ser curadora do Departamento de Cinema, recém-criado no MoMA. A coincidência de Newhall vir a ser cinco anos depois curador de outro novo departamento pode ter transformado duas exceções em regra. Sem muitos documentos para comprovar o caso, cogita-se que Barr tinha em mente a possibilidade de promover B. Newhall a curador e que usava a biblioteca como treinamento ou teste para candidatos - silenciosamente.⁶ Os fatos são que Newhall escreveu a Barr mostrando seu interesse por fotografia quando se candidatou ao trabalho (MARQUIS, p. 138); que Barr não parece ter se esforçado para a admissão de B. Newhall; que, apesar de ter um Departamento de Fotografia previsto pelo programa inicial do museu, ele não era especialmente interessado em fotografia⁷.

No entanto, quando o momento chegou, Barr demonstrou sua confiança em B. Newhall. Na ocasião da preparação da exposição *Photography: 1839-1937* (que daria origem ao livro *History of Photography*), Barr deu apoio as iniciativas de B. Newhall, deixando inclusive a decisão do tema inteiramente nas mãos dele - oferecendo apenas conselhos quando necessário. Barr viu no bibliotecário o interesse e conhecimento do meio fotográfico e percebeu nele o curador em potencial que ele precisava, que poderia levar adiante o plano de um Departamento de Fotografia.

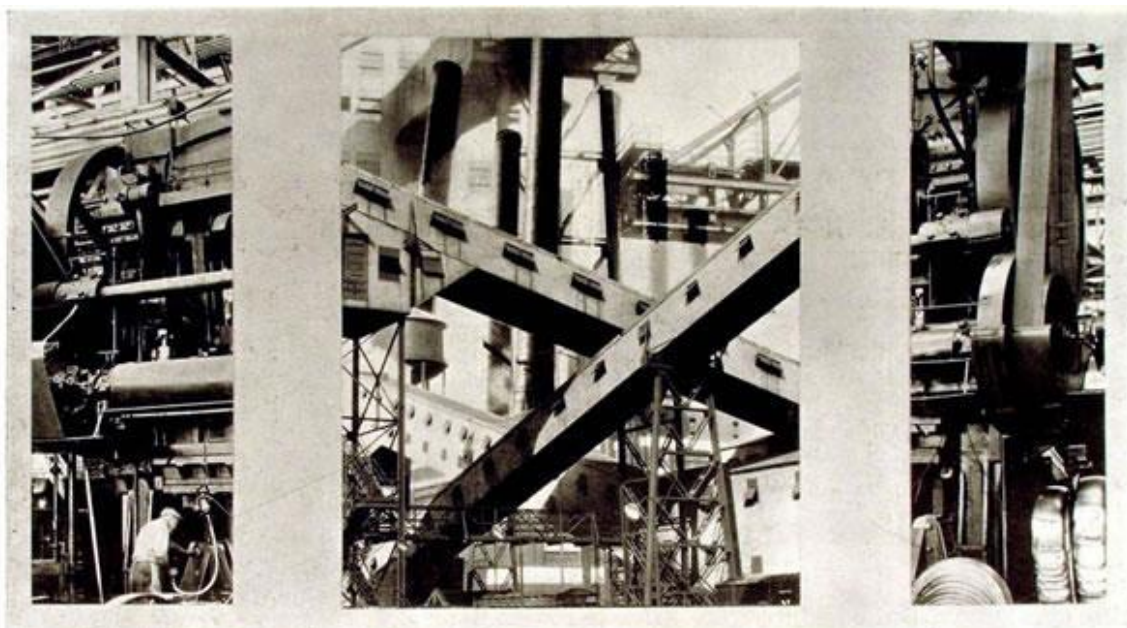
Quarenta e um anos depois da histórica *Photography: 1839-1937* Newhall finalmente descobriu como foi possível a sua realização: em uma festa David McAlpin confessou-lhe ser o doador dos US\$5.000 que cobriram as despesas da exposição. McAlpin - ligado à família dos Rockefeller - era investidor e apreciador de fotografia, patrono de Ansel Adams e freqüentador da galeria *An American Place*, de Alfred Stieglitz. Quando o Departamento de Fotografia consolidou-se, McAlpin foi eleito administrador (trustee) do MoMA e foi indicado Presidente do Comitê de Fotografia do Museu.

⁶ MARQUIS, p. 138.

⁷ Mais detalhes sobre essa discussão: NEWHALL, Beaumont. *On Focus*; KANTOR, Alfred H. *Barr and the intellectual origins of The Museum of Modern Art*. The MIT Press, 2002; LYNES, Russel. *Good old Modern: an intimate portrait of The Museum of Modern Art*. New York: Atheneum, 1973.

Em entrevista a Milton Esterow para a revista ARTnews em abril de 1989

⁸ B. Newhall fala que essa exposição - Photography:1839-1937 - não foi a primeira a apresentar fotografias no MoMA, mas a primeira que estabeleceu a fotografia como uma parte importante da agenda do museu. A fotografia esteve presente nas paredes do MoMA em duas exposições antes de 1937: Murals of American Painters and Photographers, em 1932, e Walker Evans: Photographs of 19th Century Houses, em 1933. Os fotógrafos que criaram murais de 1932 foram Berenice Abbot, Maurice Batter, Hendrick Duryea e Robert Locher, Arthur Gerlach, Emma Little e Joella Levy, George Platt Lynes, William Rittase, Thrumman Rotan, Charles Sheeler, Stella Simon, Edward Steichen e Luke Swank. O catálogo produzido para a exposição continha textos de Julien Levy, dono de uma galeria intensamente dedicada à fotografia em Nova York, e de Lincoln Kirstein, que também organizou a exposição seguinte, de Walker Evans. As fotografias de Evans de casas americanas do século XIX foram doadas por Kirstein ao MoMA e formaram a primeira exposição individual de um fotógrafo oferecida pelo museu.



Mural de Charles Sheeler, "Industry" (1932), feito para a exposição "Murals of American Painters and Photographers", MoMA, 1932.

Mesmo que tenha sido a primeira vez que a fotografia apareceu nas paredes do museu com destaque, Murals foi uma exposição de causa específica.

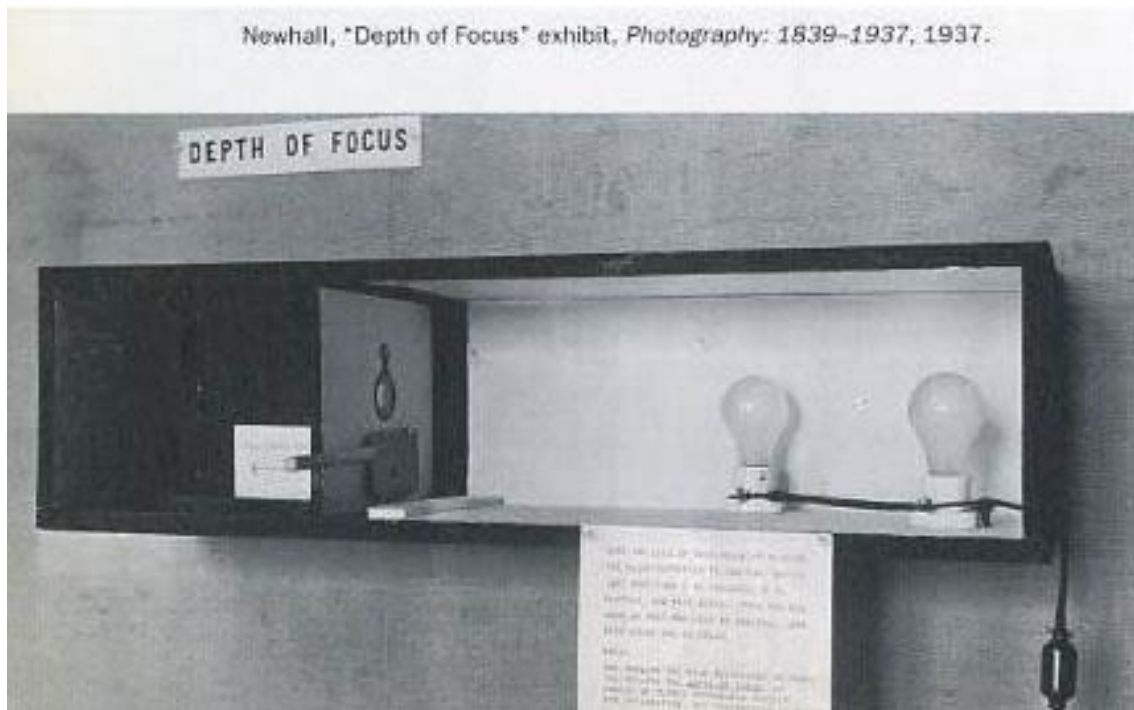
⁸ ARTnews, Abril, 1989, p. 168-173.

Na introdução do catálogo, Nelson Rockefeller (presidente do museu) e Kirstein (diretor da exibição) escrevem que a exposição foi em parte estimulada pelos feitos mexicanos e teria como interesse encorajar os artistas a estudar as possibilidades desse meio de expressão artística (murais). Não só a exposição seria de interesse para o público em geral mas também para o estudo de arquitetos e outros responsáveis por construções americanas que poderiam aproveitar-se do meio para embelezar seus prédios ⁹. Ou seja, apesar de a fotografia estar nessa ocasião lado a lado com a pintura, não houve nenhuma declaração em termos de aproximação de valores estéticos intrínsecos.

Em diferentes termos Murals, Walker Evans: Photographs of 19th Century Houses trouxe uma mudança em seu significado para a causa do reconhecimento da fotografia como arte. A exposição de Evans foi um passo importante para a história institucional da fotografia por ser a primeira individual do MoMA. Apesar de B. Newhall referir-se a ela como predominantemente uma exposição dedicada a arquitetura (ARTnews- 1989), não há dúvidas de que a decisão de expô-las veio de seu reconhecimento artístico - e Evans se fez quase que fundador de um estilo de fotografia americana estimada e estimulada pelo MoMA até os dias de hoje com sua exposição Americans Photographs de 1938. Não podemos negar, contudo, que B. Newhall tem razão em certo aspecto: o foco de atenção está dividido entre a fotografia e a arquitetura (que era arte altamente estimada por todos envolvidos com o MoMA e cuja tradição e reconhecimento vêm desde a Antiguidade).

⁹ Murals of American Painters and Photographers. New York: The Museum of Modern Art, 1932.

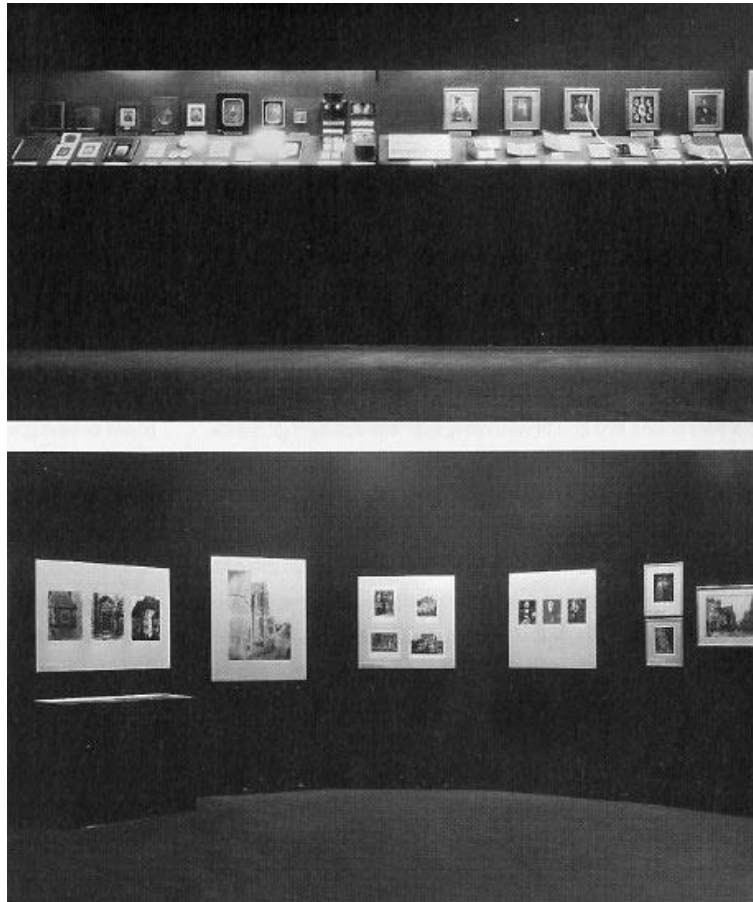
Photography:1839-1937



Como funciona a profundidade de campo, "Photography: 1839-1837", MoMA, 1937.



Entrada da exposição "Photography:1839-1937", MoMA, 1937.



Instalação de "Photography: 1839-1937", MoMA, 1937.

Naquele ano de 1937, à fotografia foi dada a oportunidade de entrar no MoMA pelas portas da frente, e não pelas laterais, como fôra antes. A exposição levou um ano para ser preparada e B. Newhall viajou pelos Estados Unidos, França e Inglaterra para coletar material. Ocupou todos os andares do museu, atraiu milhares de pessoas e viajou por todo o país. Deu confiança aos administradores do museu quando tiveram de decidir pela concretização do Departamento de Fotografia - independente de outros departamentos - em fins de 1940.

Durante quase dois anos Ansel Adams, B. Newhall e McAlpin prepararam o projeto do departamento para apresentar aos dirigentes do MoMA. O envolvimento profundo de Adams na concepção e concretização aconteceu porque B. Newhall leu em 1935 o livro do fotógrafo, *Making a Photograph*¹⁰. Na

¹⁰ Adams, Ansel. *Making a Photograph.: An Introduction to Photography*. The Studio Publication: 1935, p. 13-15.

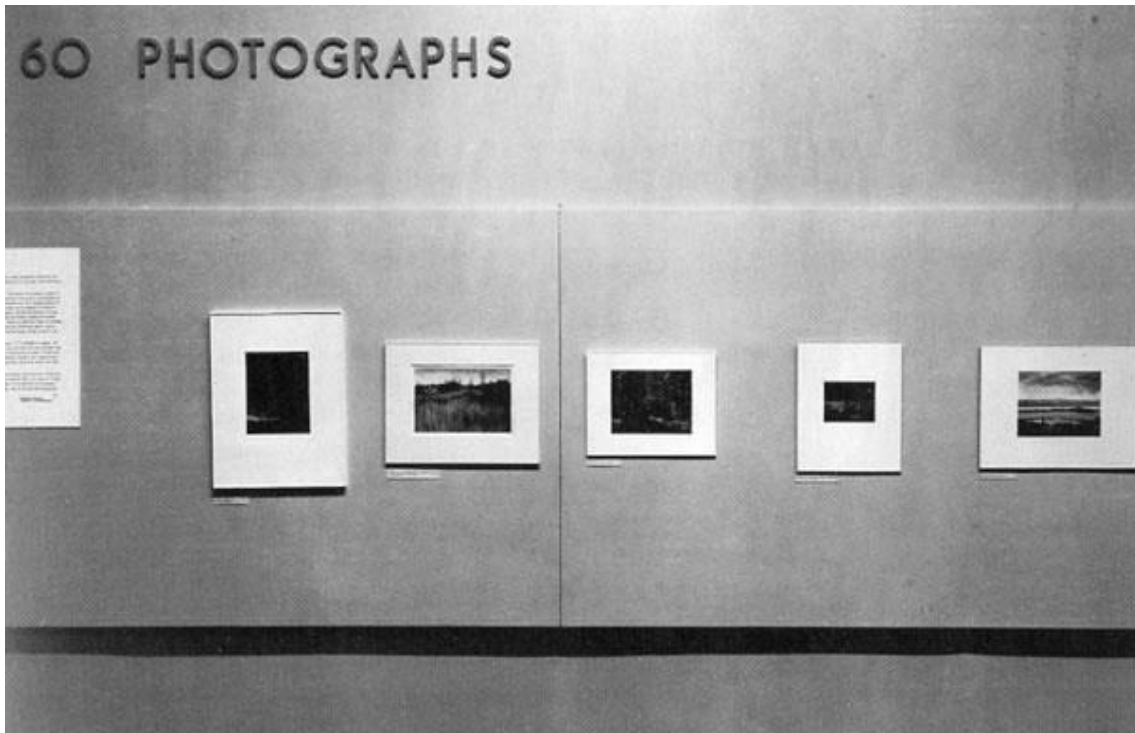
introdução, Adams escreve sobre a necessidade de se entender a fotografia esteticamente em seus próprios parâmetros. Defende a fotografia pura - straight - e rejeita o pictorialismo. Fala da urgência de centros dedicados à fotografia onde ela seria ensinada e estudada em toda a sua amplitude. Sua argumentação era coincidente com a visão de B. Newhall, o que atraiu a atenção do pesquisador e bibliotecário e fez com que procurasse seu futuro colega e estimado fotógrafo para ajudá-lo no projeto:

"We are considering setting up an ambitious photographic section to the museum, to collect and exhibit photographs, and to publish monographs and picture-books --- all in the cause of what we consider to be the most creative aspect of photography. I remember being impressed by the lines in the foreword to your book about the need of such a project. As we shall have to raise a substantial sum of money to make the project really worth while, and as we want to make the project fit into the needs of the outstanding photographers of the country, I should appreciate very much an expansion of the foreword of 'Making a Photograph', in the form of a letter. Would you be good enough to do this for me?" (Carta de 14 de fevereiro de 1938: Beaumont Newhall Papers, II.1. The Museum of Modern Art Archives, New York).

Certo dia, no início de 1940, quando conversavam sobre os planos para a coleção de fotografia do MoMA e B. Newhall detalhou a ele o que queria fazer, Adams, sentado ao seu lado no Yosemite Nacional Park, teria imediatamente jogado sua bebida num arbusto e dito: "Vamos ligar pra McAlpin agora mesmo!"¹¹. Energético e determinado, Adams foi essencial, assim como McAlpin - o dinheiro, a influência dentro do museu e o gosto pela fotografia - para que B. Newhall - o teórico e "museumman" - pudesse alegremente anunciar ao fotógrafo em carta do dia 17 de setembro de 1940 a oficialização do mais novo Departamento do MoMA. O press-release com a novidade saiu do museu nos últimos dias de 1940 e no início do ano seguinte o Departamento de Fotografia abriu sua primeira exposição. McAlpin financiou a viagem e a estadia de Ansel Adams em Nova York para iniciar as atividades do departamento no museu.

¹¹ Lynnes, Russel. Good Old Modern: An Intimate Portrait of The Museum of Modern Art. New York: Atheneum, 1973, p. 159-160.

60 Photographs: A Survey of Camera Esthetics (1941)



Exposição "60 Photographs: A Survey on Camera Esthetics", MoMA, 1941.



Exposição" 60 Photographs: A Survey on Camera Esthetics", MoMA, 1941.

A primeira exposição oficial do Departamento de Fotografia foi 60 Photographs: A Survey of Camera Esthetics ¹². Em carta do dia primeiro de janeiro de 1940, B. Newhall contou a Adams (que não pôde estar presente) que a abertura da exibição tinha sido um sucesso. Quinhentas pessoas estavam presentes e o curador admitiu que raramente viu tanto interesse nas obras em uma abertura. "Foi, eu acredito, um bom sinal para o futuro...". Contou em detalhes as percepções de Stieglitz sobre as obras e fotógrafos e que ele disse a B. Newhall que tiveram - o departamento - um bom começo. O mestre também disse que o que Barr escreveu (o mesmo texto publicado no Bulletin do MoMA anunciando o novo departamento ¹³) é muito importante: "Ele comprometeu o museu com a fotografia. Mais importante do que ele pensa, ou mesmo vocês. Vocês tem muito pelo que lutar." ¹⁴.

Desde 1935, quando B. Newhall começou a fazer parte do museu - na época 13 pessoas - o MoMA hospedou cerca de 40 exposições fotográficas. Organizadas por ele, Adams ou por sua esposa Nancy Newhall foram mais da metade. Algumas foram dirigidas por outros departamentos, membros do museu

¹² Fotógrafos que tiveram obras expostas em 60 Photographs: A Survey of Camera Esthetics: Berenice Abbot, Ansel Adams, Eugene Atget, Ruth Bernhard, Matthew B. Brady, Henri Cartier-Bresson, Dr. Harold E. Edgerton, P. H. Emerson, Walker Evans, Dr. Arnold Genthe, David Octavius Hill & Robert Adamson, Dorothea Lange, Henry Le Secq, Helen Levitt, Lisette Model, L. Moholy-Nagy, News Photographs, Dorothy Norman, T. H. O'Sullivan, Eliot F. Porter, Man Ray, Henwar Rodakiewicz, Charles Sheeler, Peter Stackpole, Edward Steichen, Alfred Stieglitz, Paul Strand, Luke Swark, Brett Weston, Edward Weston, Charles H. White.

¹³ "Onze anos atrás, quando o Museum of Modern Art foi fundado, as artes da pintura e escultura eram sua preocupação principal. Gradualmente, outros departamentos foram fundados: Arquitetura, em 1933, ao qual foi adicionado Arte Industrial; depois a Biblioteca de Cinema, em 1935, e agora o de Fotografia.

Um das artes mais vigorosas e populares de nosso tempo, a fotografia há tempos tem sido reconhecida pelo Museu. Várias importantes exposições foram organizadas: notadamente, em 1932, "Murals of American Painters and Photographers"; em 1937, uma grande exposição retrospectiva "Photography 1839-1937"; em 1938, "American Photographs by Walker Evans"; e em 1940, "War Comes to People, A Story Written with the Lens by Therese Bonney". Sob a proteção da Biblioteca, foi fundada uma coleção de fotografias e estabelecida uma biblioteca de referência de material fotográfico.

O sucesso dessas iniciativas levou os administradores a criarem um Departamento de Fotografia. Um comitê foi formado presidido por David H. McAlpin; Beaumont Newhall, o bibliotecário do Museu, foi indicado como curador.

Espera-se que com exposições no museu e em todo o país, com o aumento em tamanho e amplitude da coleção de fotografia e biblioteca de referência, e com publicações e palestras, o Departamento sirva como centro aos artistas que tenham escolhido a fotografia como seu meio e apresente para o público obras que, na opinião do Curador e do Comitê, representem o melhor do presente e do passado." (BARR, Alfred H.. In: Bulletin of The Museum of Modern Art, 2 Vol. VIII, Dezembro-Janeiro 1940-1941).

¹⁴ Ansel Adams: Letters and Images 1916-1984. Ed. Alinder, Mary Street & Stillman, Andrea Gray. A New York Graphic Society Book, 1988, p. 123-124.

ou instituições, e duas por Edward Steichen, que viria a substituir B. Newhall em 1947 como curador. Várias dessas exposições que tiveram origem fora do departamento, incluindo as de Steichen, fizeram parte do programa de "esforço de guerra" adotado pela instituição durante a II Guerra Mundial. Em 1942, B. Newhall entrou para as Forças Armadas Americanas e Nancy Newhall assumiu, com relutância dos dirigentes do MoMA, o cargo de Curadora Encarregada (Acting Curator) e permaneceu lá até que Beaumont voltasse.

Nancy acompanhou o trabalho de seu marido de perto e, rodeada de fotógrafos e de fotografias, absorveu-se nesse universo. Tornou-se grande amiga de Stieglitz e tinha planos para escrever uma biografia sobre a lenda da fotografia personificada nele. Sua formação era de pintora, mas seu reconhecimento no campo da fotografia vem principalmente dos seus escritos eloqüentes sobre essa arte. Seu trabalho como curadora do MoMA entre 1942 e 1946 foi condizente com a filosofia de Beaumont e com o espírito de formação do Departamento de Fotografia. Sempre em contato, ela e o marido trocaram cartas em que discutem sua luta pela fotografia e pelos altos padrões de exposições, livros e fotografias dentro do museu. Ansel Adams, também seu amigo, esteve sempre presente para auxiliá-la. As mais importantes exposições que montou foram as retrospectivas de Paul Strand em 1945 e de Edward Weston no ano seguinte; ao mesmo tempo escreveu os textos introdutórios sobre os notáveis fotógrafos. Deveriam ser o início de uma série de retrospectivas se não fosse a saída de ambos do MoMA com a entrada de Steichen, sob a direção do qual B. Newhall disse não ser possível ficar. As divergências com Steichen vinham de longa data - sem que isso afetasse a admiração por ele como fotógrafo - e em dezembro de 1945 Stieglitz avisou Nancy de que Steichen queria assumir o departamento ¹⁵. Pelo fato de a linha de curadoria de Beaumont e Nancy Newhall serem inseparáveis - e Beaumont ainda era oficialmente o Curador do Departamento de Fotografia do Museu - é possível considerar o trabalho desse departamento sob ambos como uma mesma e condizente linha de atuação e atitude.

¹⁵ LYNNE, p. 259.



Fotografia de Nancy Newhall em Nova York, feita por Beaumont Newhall em 1946.

Quando saíram do museu, a coleção de fotografias iniciada em 1933 com obras de Walker Evans somava quase mil e trezentas imagens representando mais de 160 artistas (o estudo dessa coleção e sua implicância é um dos pontos centrais desta pesquisa de doutorado). A troca de direção no departamento foi silenciosa e o Comitê de Fotografia se desfez em protesto - nunca foram consultados. Muitos fotógrafos escreveram ao museu declarando sua decepção com a manobra política, mas pouco poderia ser feito naquela circunstância.

O legado desses anos dos Newhalls no MoMA foi longe de modesto. A visão acerca da fotografia que incrustaram no próprio nascimento do primeiro Departamento de Fotografia independente dentro do espaço institucional de um museu fincou solidamente os pés da fotografia no terreno da Arte. Entre acasos, sorte e determinação o caminho foi traçado e aos seus sucessores só restava segui-lo.

Tão significativa para a história dessa arte confusa, abrangente e quase que indomável é a própria História da Fotografia escrita por Beaumont Newhall

(1908-1993), cuja real influência ainda deve ser estudada em detalhes. O livro transformou-se em um clássico que, apesar de sua perspectiva parcial - como são todos os estudos feitos com paixão -, foi de grande contribuição para o estudo da fotografia como meio legítimo de expressão artística digna de atenção, apreciação e legitimação. Antes dela as histórias da fotografia já escritas eram centradas na técnica, e depois dela a tradição da fotografia alcançou reconhecimento.